

Hollywood volta às origens com *Titanic*.

Há marketing no sucesso de *Titanic*, mas é claro que não é apenas isso. Se a chegada de *Titanic* aos cinemas foi associada à volta de uma certa experiência do cinema que estava perdida, soterrada sob o lixo cultural de uma Hollywood banal, deve-se dizer que, neste ponto, os produtores de *Titanic* acertam, já que o filme é de fato um retorno às origens de um virtuoso cinema americano.

É preciso lembrar que este filme foi uma experiência nova e plena para uma geração de espectadores mais jovens, cuja relação com o cinema associa-se a *Duro de Matar* ou, na melhor das hipóteses, Spielberg. *Titanic* é o cinemão querendo pensar, passar recados, pôr em relevo não apenas um drama privado mas as catástrofes de uma coletividade. É um filme romântico, é verdade, e muito típico; mas sua recriação de passado possui um senso dramático de busca e perda histórica. É ambicioso: provoca, para nós espectadores, a descoberta de que o navio representou os sonhos de sua época; e que, como um monumento, se exibiu como o emblema de uma elite das elites, que pretendia conduzir as rédeas do século XX com suas ferrovias, minas e arranha-céus. Apresenta-nos como o navio espelhava a sociedade que o construiu, com seu aparato técnico conduzindo dentro de si homens divididos em classes e funções, mas unificados pela participação nesta viagem que se queria histórica. Se o romance "interclasses" de Rose e Jack ganha algum sentido mais profundo no decorrer do filme, deve-se à impossibilidade de que esta sociedade (caracterizada com tanto esmero pela reconstituição de época e efeitos especiais) consiga resolver suas contradições entre individualidade e poder, amor e obsessão por dinheiro, inteligência e machismo, utopia democrática e os excessos dos comandantes desse projeto que pretendia, tal como era proclamado, conduzir o mundo.

Com uma simplicidade difícil de ser alcançada, *Titanic* transmite a nostalgia de um amor pleno ocorrido entre dois adolescentes, certa vez, num certo navio, amor que submergiu com ele... mas também a de uma utopia democrática não ocorrida e um pacto social violado, onde a tecnologia não redimiu os equívocos daqueles que fizeram da história uma tragédia.

Nesse sentido, *Titanic* é um grande filme. Compõe-se

como uma aposta pedagógica no desejo de vasculhar a história e encontrar nela não a lavagem de consciência (*Forrest Gump*, *Que é isso Companheiro?*) mas as explicações dos dilemas do presente, bem à moda de uma tradição de pensamento liberal (no sentido americano do termo), e humanista que às vezes ressuscita em Hollywood e que pode ter limites. Mas esse é um outro problema.

É claro que isto pode soar como um enxerto ao que o filme seria de fato. Afinal, pode se ver um filme de diversas formas. Não há mal em tratar *Titanic* como apenas uma história de amor, se não for confundido o horizonte de uma sensibilidade com outra estreiteza: uma que poderia estar no filme.

Alfredo Manevy

